

QUINTAS, Georgia. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8, n. 22, pp. 11 a 44, abril de 2009. ISSN 1676-8965

ARTIGO

Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica¹

Georgia Quintas

RESUMO: Este artigo aborda, através da antropologia visual, os retratos de família que registram a presença das amas-de-leite e suas significações no âmbito simbólico, social e cultural da vida privada da sociedade patriarcal-escravocrata canavieira de Pernambuco no final do século XIX e início do XX. A temática contempla particularidades do acervo iconográfico investigado na Coleção Francisco

¹ Este artigo deriva da tese de doutorado intitulada *“Imágenes del Pasado: Un Análisis Interpretativo desde la Perspectiva de la Antropología Visual. Los retratos de la sociedad agraria aristocrática de Pernambuco”* defendida pela Universidad de Salamanca (Espanha).

Rodrigues (Fundação Joaquim Nabuco, Recife - PE). Memória, história e imagem constituem uma rede de representações sobre pertencimento, legitimização social e o papel afetivo das escravas no núcleo familiar patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Visual, Amas-de-leite, Escravidão, Retratos da família, Sociedade açucareira, Análise simbólica.

ABSTRACT: This article discusses, through Visual Anthropology, portraits of the agrarian aristocratic family which represent the presence of the *Amas-de-leite* and their meanings in symbolic, social and cultural privacy of the society in province of Pernambuco of the 19th century and the first decade of the XXth. This photographic study analyzes from an ethnographic and documentary record, the patriarchal society slave holder and its cultural specificities in the iconographic investigated Coleção Francisco Rodrigues (Fundação Joaquim Nabuco, Recife - PE).

KEYWORDS: Visual Anthropology, Slavery, Family portraits, Agrarian aristocratic, Symbolic Analysis

Na perspectiva da atitude social das relações interétnicas, a família patriarcal de Pernambuco (oriunda economicamente da monocultura da cana-de-açúcar) estabeleceu uma forte proximidade com seus escravos. É notável, através das imagens fotográficas, como pudemos constatar a partir de pesquisas realizadas no acervo iconográfico da Coleção Francisco Rodrigues (Fundação Joaquim Nabuco – Recife), o habitual registro de meninos brancos (filhos da aristocracia

agrária) com suas respectivas amas-de-leite. O que mais impressiona nestes retratos é o fato de que com eles é sugerida uma proximidade afetiva mútua, entre as escravas e as crianças.

Cabe destacar que, nos retratos em que aparecem as verdadeiras mães brancas, é patente a ausência de demonstração de carinho. As mães se mantêm alheias aos filhos, se verifica um espaço vazio entre os retratados. A distância estabelece um estatuto simbólico de respeito e hierarquia. Em raras exceções, observa-se a candura explícita entre mães e filhos, sendo mais corriqueiros os retratos com meninos mais velhos do que com bebês. Estes também eram fotografados sozinhos - alguns sem roupa, outros vestidos-, colocados equilibrando-se em cadeiras ou deitados de bruço.

Naquele tempo, as amas-de-leite correspondiam, de certo modo, até certa idade, ao sentimento maternal e afetivo. O paradoxo estabelecido pelo sistema de escravidão era de certa maneira superado. A relação íntima entre amas-de-leite e o menino branco começava com o processo de dar de mamar no peito e prolongava-se durante a criação dos meninos brancos por suas perspectivas amas. Algumas imagens são representativas e emblemáticas dessa dimensão simbólica que abarca o registro fotográfico desta idiossincrasia sócio-

cultural das famílias da aristocracia canavieira do século XIX e início do XX.

Tais fotografias denotam emblematicamente uma porção da intimidade da vida familiar na casa-grande. Embora fosse determinante o sistema social de escravidão, era um mecanismo avassalador em termos de desvalorização moral, humano e social dos escravos. Assim considerou Gilberto Freyre (1999:315):

O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase de vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movediço.

Não obstante, na casa-grande tinham sido desenvolvidos vínculos entre brancos e negros, e não somente no aspecto sexual entre senhores e escravas, mas também na esfera das relações cotidianas da vida privada daquela sociedade. Ou seja, o papel da ama-de-leite incluía assim o cuidado direto com as crianças e os importantes primeiros contatos na educação delas.

De modo que, nos tempos patriarcais, além de dar de amamentar ao filho do senhor do

engenho, colocava-o para dormir no seu berço, ensinava-lhe as primeiras palavras em português errado, entre outras coisas. Também era costume acrescentar à ama-de-leite negra, outras figuras negras à vida dos meninos da aristocracia açucareira. Como bem disse Gilberto Freyre (1999:336), outros personagens negros apareciam na vida do brasileiro de outrora. Por exemplo, a presença doméstica do *muleque*, companheiro de jogos; do negro — senhor mais velho — contador de histórias; da mucama; da cozinheira. Segundo Freyre, se trata de uma série de contatos diversos levando a novas relações com o meio social, com a vida, com o mundo. Em resumo, favorecendo experiências que se realizavam através dos escravos.

Quando falamos da vida privada na casa-grande, é necessário mencionar as relações que fluíam entre brancos e os criados que vinham da senzala. Ao analisar esta situação, é provável que os retratos aqui apresentados se desvelem ainda mais. Para os serviços mais íntimos e delicados se recrutava na senzala as melhores negras para que fossem amas de criação e mucamas, ou "irmãos de criação" dos meninos brancos. Conforme descreveu Freyre (1999:352), tais indivíduos tinham na família um lugar como pessoas da casa e não de simples escravos. À mesa patriarcal das casas-

grandes sentavam-se numerosos mulatinhos e saíam de carro para passear com os senhores, como se fossem seus filhos.

A respeito das mencionadas mães-pretas, por tradição, possuíam um lugar privilegiado nas famílias patriarcais. Tinham um lugar de honra no seio daqueles núcleos familiares. Os meninos pediam a bênção às negras libertas, que até andavam de carro, e os escravos as chamavam de senhoras. Ainda relata Gilberto Freyre (1999:352), sobre o tratamento diferenciado que usufruíam as mães-negras, que em dia de festa muitos podiam chegar a crer que as tratavam como senhoras bem nascidas e nunca ex-escravas vindas da senzala.

Algumas características eram importantes no momento da escolha da negra ou mulata para dar de mamar e cuidar do bebê. Escolhia-se, dentre as melhores escravas da senzala, as mais limpas, bonitas, fortes e, principalmente as já cristãs e com assimilação brasileira, enfim, as menos africanizadas. No entanto, como explicar a troca do leite materno verdadeiro pelo leite da mãe negra? Na verdade, não se tratava como alguns sugerem, de falta de carinho por parte das senhoras da aristocracia açucareira.

A respeito deste fato, uma das hipóteses é que se tratava de uma tradição em Portugal

que se estabeleceu em terras brasileiras: o hábito das mães ricas não amamentarem seus filhos, sendo, portanto, tarefa para as escravas. No Brasil, a transferência deste ato que envolve carinho, delicadeza e afeto maternal, é atribuída à impossibilidade física das mães. Casadas muito jovens, muitas eram incapazes de amamentar, pois os partos aconteciam um atrás do outro e as iam depauperando. Porém, não deixa de ser intrigante o outro lado, ou seja, a realidade das mães escravas. Há que considerar a pergunta se este leite materno era compartilhado com os filhos legítimos destas escravas ou se ocorria com elas uma quebra de convivência com os próprios filhos.

Uma das teorias defendidas por Gilberto Freyre, no clássico *Casa-Grande & Senzala*, propõe a valorização do negro na formação social da família patriarcal escravista. Com esta teoria, desenvolve-se a premissa de que houve um significativo intercâmbio humano de carinho entre as amas-de-leite e os *nhonhôs*² brancos (quase como de mãe para filho, diriam alguns). Freyre debate que, além disso, os meninos receberam influências negativas por meio do leite daquelas mulheres

² A palavra *nhonhô* significa o senhor de engenho de açúcar, o homem branco. Linguajar usado pelos negros nas *senzalas* dos engenhos de açúcar. No texto, refere-se ao bebê branco, filho do senhor de engenho.

escravas (o que significava receber os germes de todas as doenças e superstições), bem como receberam nas carícias da mucama a revelação de uma bondade talvez maior do que a dos brancos (Freyre, 1999:355). Mencionemos o autor: "[...] de uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros".

Nas imagens de crianças com suas respectivas amas-de-leite, a composição apresenta a ama elegantemente vestida, como podemos observar no retrato de Augusto Gomes Leal com ama-de-leite Mônica (foto 1), na qual a mulher está elegantemente vestida e adornada com um belo chale, colar e anel. Todas as amas-de-leite, nessas fotografias, são muito elegantes e demonstram dignidade e altivez, do mesmo modo que as senhoras brancas.

Dentre elas destacamos os seguintes retratos: Maria Cavalcanti de Queiroz Monteiro com Petrolina, parteira e ama-de-leite (foto 2), Fernando Simões com ama-de-leite (foto 3) e, por último, Isabel Adelaide Leal Fernandes com ama-de-leite Mônica (foto 4). A disposição dos quatro retratos foi feita de maneira arbitrária para que possamos ver resumidamente a trajetória visual desta

temática fotográfica. Assim sendo, colocamos as fotografias de maneira cronológica a partir das idades das crianças que são mostradas. Na primeira imagem encontra-se um bebê desnudo que, sentado num travesseiro, procura se equilibrar com a ajuda da mulher chamada Petrolina. Já na segunda, a menina está confortavelmente sendo protegida pelos braços da sua ama.

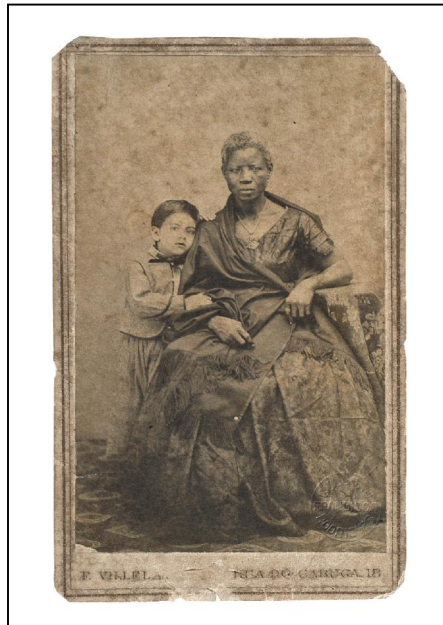


FOTO 1 – Augusto Gomes Leal com ama-de-leite Mônica – F. Villela, Photographo da A. Casa Imperial do Brasil – Recife, 1860. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco



FOTO 2 – Maria Cavalcanti de Queiróz Monteiro com Petrolina, parteira e ama-de-leite – Autor desconhecido. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco

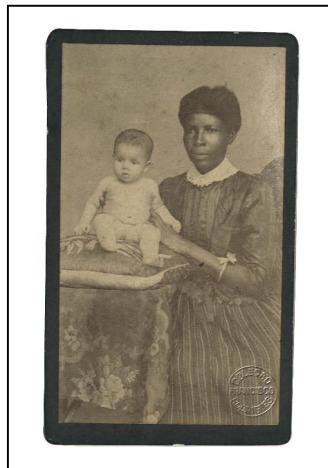


FOTO 3 – Fernando Simões Barbosa com ama-de-leite – Eugenio & Mauricio – Recife, c.1860–1869. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco

A afetividade, ainda tênue nas duas imagens anteriores, é mais explícita nos retratos do menino Augusto e sua ama-de-leite Mônica, bem como no da menina Isabel. As crianças, nesses retratos, expressam mais afeto do que nas fotos anteriormente mencionadas. Talvez porque sendo mais velhos, e estando de pé, ao lado da ama, a aproximação carinhosa por parte do menino e da menina seja ainda mais contundente. A primeira imagem mostra a complexidade da relação interétnica entre a casa-grande e a senzala. O menino Augusto Gomes Leal é o símbolo da afetividade, primária ou instintiva, que representa uma autêntica ligação de carinho com sua ama-de-leite. Não há indícios fotográficos que nos ofereçam informações de como se desenvolvia este vínculo quase maternal, como também não observamos fotografias, por exemplo, de homem ou mulher retratados com suas supostas amas-de-leite. Tal fato pode sugerir que a proximidade tenha um limite e que os laços afetivos não são de tão longa duração.

A fotografia Isabel Adelaide Leal Fernandes com ama-de-leite Mônica (foto 4) é uma das únicas que revelam uma menina mais velha ao lado da sua ama. Mas esta imagem é como se fosse uma pérola entre tantas acerca desta temática interétnica e emocional. Nela, vemos uma senhora mais velha, de cabelos brancos,

bem vestida. A menina estende o braço direito como se estivesse apoiando-o no ombro da sua ama. Esta, já idosa, possui um semblante que transmite dignidade. Tal retrato é valioso por conter o registro de uma ama-de-leite idosa, mas não apenas por isso. A dimensão antropológica e simbólica reside, principalmente, no fato de ser a mesma mulher retratada com o menino Augusto. Ou seja, é Mônica, a “mãe-negra” da tradicional família Leal. Através destas duas imagens é possível “acompanhar” o envelhecimento de uma personagem importante na família patriarcal. Pode-se também considerar sua legitimidade social por meio do retrato realizado, graças a sua função e estreita ligação, como podemos ver na menina que se aproxima da idosa Mônica. Por tudo isso, estes dois registros da passagem do tempo, acerca da cena íntima — que se formulou no período da cana de açúcar do nordeste brasileiro — sintetizam parte delicada e humana das relações entre negros e brancos. Enfim, são imagens antropológicas, pois guardam em si mesmas a miscelânea racial, social e cultural que foi a sociedade do açúcar.

Os retratos de mulheres negras com meninos brancos denotam a verdadeira dimensão da escravidão no seio da vida privada das famílias patriarcais açucareiras. Tais registros

fotográficos nos proporcionam também, índices dos laços de afetividade, derivados da proximidade entre estes dois mundos sociais, delimitados pela cor da pele e pela condição de escravidão de grande parte daquela sociedade açucareira.



FOTO 4 – Isabel Adelaide Leal Fernandes com ama-de-leite Mônica – Photographia Allemã, Alberto Henschel & C^o. – Recife, c.1860-1889. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco

As fotografias de amas-de-leite acompanhadas dos filhos de senhores são uma parte significativa das temáticas que compõem a Coleção Francisco Rodrigues. Elas representam uma espécie de cartografia sentimental, e especialmente inter-racial da

realidade cultural protagonizada entre as famílias da aristocracia açucareira do século XIX e as escravas — escolhidas com o máximo de zelo para amamentar e cuidar das crianças. Um dos fatores que faz com que tais registros sejam tão simbólicos é sua quantidade, em contraste com as escassas imagens de senhoras da oligarquia com seus filhos pequenos em retratos isolados³.

Outro elemento que ressaltamos é a maneira como essas mulheres negras seguram as crianças. Ou seja, o conteúdo afetivo predominante nestes retratos, representa o vínculo que se estabelecia de maneira genuína e sincera entre as escravas e as crianças. Sobre este contexto afetivo, o autor George Ermakoff acrescenta ainda um ponto a ser considerado: a perspectiva de mobilidade social por parte das escravas. Assim comenta:

As crianças brancas por vezes passam tanto tempo em companhia de suas babás e amas-de-leite que desenvolveram sentimentos que em muitos casos, ultrapassaram as fronteiras da cumplicidade e se aproximaram da relação mãe-filho. As negras, por sua vez, além do carinho

³ Convém explicitar que eram mais comuns os retratos que reuniam toda a família, ou então, a mãe com sua prole.

que sentiam pelas crianças, pareciam orgulhar-se do que provavelmente lhes parecia ascensão na escala social: frequentar os aposentos mais reservados dos senhores e relacionar-se com seus herdeiros de maneira quase íntima (Ermakoff, 2004:98).

De fato, parece evidente, no caso do vínculo sentimental inerente a esses retratos, que a fotografia absorveu essa realidade, porém, construiu também uma alteridade bastante particular. Como já comentamos as fotografias que retratam negros não eram para serem contempladas, possuídas, por eles mesmos. A fotografia, após o seu surgimento no Brasil, é evidente que se tornaria um privilégio das classes sociais mais elevadas, já que era uma técnica cara, cuja produção naturalmente seria menor em relação ao registro dos negros. A técnica fotográfica ansiava por registrar a diversidade “exótica” da raça negra, com o objetivo de comercialização dessas imagens ou por motivos relacionados com a fotografia antropométrica⁴.

⁴ No século XIX, as fotografias antropométricas eram uma tendência mundial. Produzidas em várias partes, tinham o objetivo de servir às pesquisas científicas comparativas com relação à raça humana. “Acreditava-se então, que a observação sobre eventuais diferenças físicas entre as diversas raças poderia comprovar cientificamente teorias sobre superioridade racial” (Ermakoff, 2004:251). Esta teoria foi,

Desse modo, podemos colocar que a alteridade captada nestes emblemáticos registros visuais não apenas é de grande importância para a memória afetiva das famílias patriarcais, mas, também, transmite a imagem como representação da sanção oficial da classe social dominante. Nesse sentido, a alteridade postulada pela captura da fotografia reflete a situação social em que se encontravam aquelas mulheres. Quando acontecia a aprovação por parte dos senhores, do registro daquelas cenas interétnicas, a “imagem permitida” reconhecia e legitimava a integração das negras e sua afetividade como aspectos determinantes na formação das crianças de engenho ou as dos sobrados.

Consideradas como se fossem da família, a presença constante das chamadas mães-pretas tinham suas histórias entrelaçadas com a vida das crianças que, apesar de não terem sido seus filhos legítimos, eram amamentados e criados com afeto e dedicação extremos. Tais mulheres, em algumas famílias, eram bastante respeitadas e reverenciadas. Quando envelheciam, as mães-pretas passavam a ser uma figura, especialmente institucionalizada pelas famílias patriarcais.

posteriormente, reconhecida como infundada e preconceituosa. De modo que as imagens feitas não tiveram valor científico.

Podemos perceber que ainda jovens ou já mais velhas, as mulheres negras compartilhavam a condição feminina maternal com as mães brancas — em muitos casos, decerto, determinado traço se convertia numa verdadeira substituição ou troca dos papéis sociais.

O contexto cultural, que envolvia a questão do ato de amamentar, é um assunto bastante complexo e com múltiplas razões e implicações. As “amas”, apesar de sua relação de dedicação e doação, desempenhavam uma tarefa imposta injustamente como resultado de sua condição social — a escravidão. De certo modo, as nutrizes foram definitivas em relação às mulheres e crianças brancas da sociedade açucareira, assim como na vida íntima feminina. A entrada destas mulheres no cotidiano de um núcleo familiar, com o qual não tinham nenhum vínculo biológico ou de parentesco, foi absorvida devido a aspectos culturais determinantes. Em primeiro lugar, é necessário explicar que a prática da amamentação era um tabu na vida familiar do século XIX e que teve diversos desdobramentos sociais — particularmente no aspecto da exploração econômica.

O uso sistemático da nutriz era um costume comum nas Américas, assim como na Europa. No período do Império brasileiro, era possível

ler sobre esta realidade cultural, que assim relatavam⁵: “Não se encontrarão em todo Império cinco mães que, pertencendo á classe elevada, aleitem seus filhinhos [...] não se encontrarão dez na classe média [...] não será coisa fácil apontar vinte na classe baixa” (Alencastro, 1997:63). Este relato ilustra que o hábito de amamentar era inversamente proporcional à situação econômica das famílias. Assim, segundo Luiz Felipe de Alencastro, o aluguel de nutrizes (ou seja, as amas-de-leite) representava uma atividade financeira importante nas cidades. Por conseguinte, modestos senhores de escravos exploravam esse mercado bastante lucrativo ao alugar suas escravas no período pós-parto. Então, o aluguel das amas-de-leite escravas era bastante lucrativo para os senhores de escravos urbanos. O comércio⁶ desse negócio

⁵ Trecho de artigo do jornal “Ostensor Brasileiro – Jornal Literário e Pictorial” (Rio de Janeiro, 1845–6 t.1, p.113).

⁶ A prática de amamentar os filhos alheios era tão rentável que, em 1850, havia anúncios como este: “Se aluga uma senhora branca com abundância de leite, moça, sadia, robusta e carinhosa para criança” (Alencastro, 1997:64). Segundo observa Luiz Felipe de Alencastro, naquela época, a imigração portuguesa (principalmente de Açores), com mais mulheres, ofertava à corte amas-de-leite brancas, que competiam com as mucamas de aluguel. Essa nova oferta tornava ainda mais complicado o debate sobre a amamentação. De fato, podemos perceber que a perspectiva desta atividade se inverte, pois “uma mucama é posta a alugar-se pelo seu proprietário, a senhora livre se aluga ela própria” (Alencastro, 1997:64).

era oferecido nos anúncios de jornais, como nestes indicados por Luiz Felipe de Alencastro (1997:64):

Do *Diário de Pernambuco*, em 1829: 'Vende-se uma escrava parida, da primeira barriga, própria para criar', ao *Jornal do Commercio*, da corte, anunciando, meio século mais tarde: 'Mucama - Aluga-se escrava ama-de-leite, parida há um mês e sem filho'. Sem filho porque o bebê havia morrido, deixando todo o seu leite para ser transformado em renda escravista do senhor de sua mãe.

Historicamente, existem dados relevantes sobre essa dinâmica cultural da vida privada das mulheres do século XIX no Brasil, que esclarecem quanto à origem e assimilação que fundamentam algumas questões sobre esse assunto. Na Europa, havia discussões sobre os benefícios do leite materno, que promoviam tanto a idéia de que tal ato garantia melhores cuidados com o bebê quanto, supostamente, a mentalidade de que o leite transmitia as qualidades culturais de sua mãe. De fato, outros dados demonstram como este assunto provocava polêmica, idéias reducionistas e carregadas de preconceitos. Durante o Império, havia um segmento social que

condenava enfaticamente a prática das amas-de-leite. Sob esta perspectiva, transcreve Luiz Felipe de Alencastro parte de um texto do jornal O Constitucional, da província de São Paulo (de 1853), que reflete sobre alguns dos equívocos que surgiam a respeito daquela realidade de vínculo inter-racial:

O infante alimentado com o leite mercenário de uma africana, vai no desenvolvimento de sua primeira vida, aprendendo e imitando seus costumes e hábitos, e ei-lo já quase na puberdade qual outros habitantes da África central, sua linguagem toda viciada, e uma terminologia a mais esquisita, servindo de linguagem (Alencastro, 1997:65).

Convém esclarecer, que este texto é um “sintoma” das teses de progresso social difundidas pelo iluminismo, como coloca Alencastro, “pintando-as com as cores locais da ojeriza racial”. Outra questão revela o tema desde um ponto de vista paradoxal, ou seja: como o leite oferecido por uma mãe, em lugar de outra, traria vantagens para um filho que não era o seu (o da ama-de-leite). Sob esta perspectiva, o filósofo Rousseau inicia a indagação: “Aquela que amamenta a criança de outra no lugar da sua, é uma má mãe, como

ela poderá ser uma boa ama-de-leite?”⁷. De acordo com Alencastro, esta proposição era apenas uma entre tantas outras vulgarizadas com base a esse espírito humanitário de defender o leite materno.

Na sociedade patriarcal brasileira, é necessário considerar que o contexto social tem outros pontos para a análise. A prática das mucamas também era justificada como recurso de ascensão, de possibilidade de mobilidade social para aquelas mulheres que a exerciam. Este argumento foi colocado por Antônio Ferreira Pinto⁸, médico da corte e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Para ele, as mucamas tinham mais vantagens, posto que eram “alentadas pela esperança de melhoramento de condição”. Segundo Ferreira Pinto, existia o hábito de libertar a escrava quando terminava o período de amamentação. Afinal, sob a dicotomia da obediência e da proteção, as mucamas eram recompensadas.

Para as escravas amas-de-leite alugadas, essa atividade também significava uma forma de adquirir socialmente, certo status, posto

⁷ Ver mais In Alencastro (1997). Rousseau foi o autor de uma das obras mais importantes sobre a infância. Seu livro *Emile* (1762) é considerado um tratado filosófico sobre a educação e o tratamento com as crianças, que ia provocar mudanças relevantes nos costumes ocidentais.

⁸ Mais informações sobre esse ilustre médico (Alencastro, 1997:66).

que com ela vislumbravam-se vínculos que posteriormente poderiam favorecê-las. Esse tipo de “negócio”⁹ alimentava, nas amas alugadas, a esperança de obter distinção, amizade, recompensas ou inclusive a liberdade, por parte dos senhores ou dos pais das crianças, como enfatiza o médico Antônio Ferreira Pinto¹⁰. É necessário destacar que o autor se serve da estrutura da escravidão e seu “estatuto humilhante” para explicar as razões pelas quais as amas escravas deixavam seus próprios filhos para dar-se e “fornecer ao nhonhozinho todo o carinho que ele necessitasse” (Alencastro, 1997:67). Como a difusão das amas-de-leite era fruto da condição imposta por seus senhores, em comparação com as amas livres. Existia um acordo inconsciente e interesses de ambas as partes, como se estabelecesse uma proposição: cuide com carinho do meu filho que dar-lhe-ei

⁹ Este costume do uso das amas-de-leite, aos poucos se dissipou, devido à nova especialidade médica, que era a puericultura, que intervinha progressivamente nos cuidados com os bebês, em contrapartida às práticas e à autoridade materna (Alencastro, 1997:64). No entanto, culturalmente, esse hábito não foi totalmente abolido. Edward Shorter (*Naissance de la famille moderne*. Paris, 1975) expõe que entre 1905 e 1914, quase uma terça parte dos bebês de Paris eram ainda entregues às amas-de-leite que moravam dentro e fora da cidade (Alencastro, 1997:446).

¹⁰ Ferreira Pinto, Antônio. *O médico da primeira infância ou O conselheiro da mulher grávida e higiene da primeira infância*. 1860.

sua liberdade. Em outras palavras, como destacou Alencastro (1997:67), as mulheres cativas eram submetidas ao arbítrio senhoril que “lograva extorquir da escrava um tipo de serviço que o simples salário não podia obter da ama-de-leite livre”.

Em termos estéticos, a representação da ama-de-leite mostra-se solene. As mucamas estão sempre muito bem vestidas, com belos e sofisticados trajes. A composição dos retratos destaca ainda a maneira como posam. Constatamos que a postura reforça a dignidade daquelas mulheres. Por sua vez, o enquadramento também determina que a representação formal dessas mulheres escravas é diferente do enquadramento frontal de meio-corpo, característico do segmento de retratos exóticos dos escravos como objeto a ser comercializado. Nessas fotografias de amas-de-leite predomina na pose indícios do contato íntimo com as crianças, a partir de aspectos sutis, como a posição das mãos e dos braços. Estes detalhes costumam simbolizar certo vínculo afetivo, assim como insinuam o papel sócio-cultural legitimado pelas famílias açucareiras. Em contrapartida, há certa aura de ternura observada na captação de tais imagens fotográficas, recordamos como são raros os retratos das senhoras nos momentos mais carinhosos com seus filhos.

Ao exibir este grupo feminino como uma categoria fotográfica, foi centralizada a figura do negro como temática, fazendo-o protagonista da cena. Não obstante, e embora possa parecer uma conquista, é somente a confirmação de uma condição social baseada nos pressupostos da escravidão, onde se instituía a negação da liberdade e do livre arbítrio. Nesse ponto, especialmente para as amas-de-leite, a vida, além da sufocante submissão, deixava de ser sua para ser dos outros e a serviço deles; e de negação para seus próprios filhos e de abnegação para os filhos dos senhores.

A priori, os retratos das escravas amas-de-leite podem ser entendidos como uma simples homenagem e, por conseguinte, distinção de privilégio daquela facção feminina da escravidão brasileira. Porém, não podemos esquecer que se esta função não tivesse sido tão importante na vida patriarcal açucareira, a imagem dessas mulheres não teria sido capturada pelo registro fotográfico. Estaríamos diante de um vazio iconográfico, em busca da identidade perdida daquelas mulheres escravas.

Algumas imagens que recolhemos da Coleção Francisco Rodrigues nos proporcionam outras perspectivas sobre as atividades das mulheres negras — ainda

escravas ou libertas — na estrutura do núcleo familiar ao longo do século XIX e início do século XX. Nos retratos¹¹ Babá com os meninos Alfredo, Alice, Tomé e Jerônimo (foto 5) e Ama-de-leite com menino (foto 6) certos aspectos são relevantes para observar. É possível notar nessas imagens, a passagem da tradição cultural que sucedeu às babás das famílias aristocráticas e burguesas. Nesse aspecto, destacamos que a herança das mucamas se reflete na presença de tais babás, mulheres negras, que prosseguiram com a função de cuidar de crianças das classes sociais mais elevadas. Nas duas imagens, vemos como o registro fotográfico evoca o mesmo status de antigamente, no qual ainda se encontravam aquelas mulheres. Culturalmente, a condição de amas-de-leite, mucamas e babás deixou marcas profundas na história familiar da sociedade brasileira. Na atualidade, os resquícios do passado se refletem nas babás contemporâneas: em sua grande maioria mulheres pobres e predominantemente negras.

¹¹ Essas fotografias são diferentes da maioria das imagens da coleção pesquisada, pois foram feitas externamente. Este dado técnico significa que são retratos mais recentes, que refletem o progresso da fotografia com câmeras mais portáteis, e que, em termos técnicos, possuíam filmes que já não exigiam as poses demoradas e cansativas, nem todo o aparato / suporte do estúdio.



FOTO 5 – Babá das crianças Alfredo, Alice, Tomé e Jerônimo – Filhos de Alfredo Torres e Alice Ferreira Braga – Autor desconhecido. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco

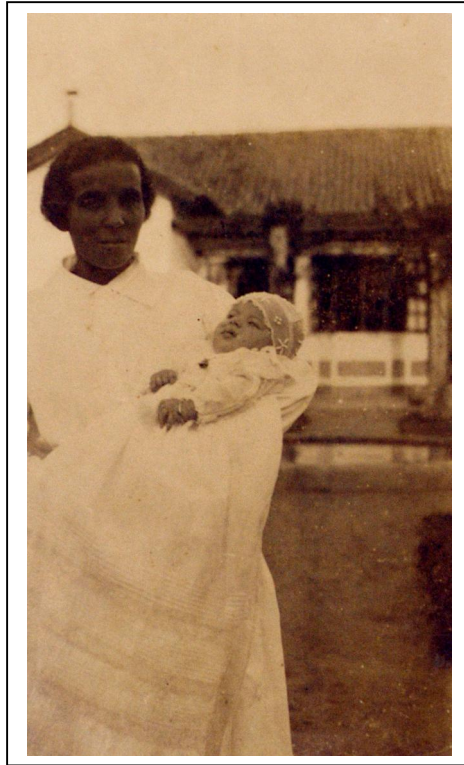


FOTO 6 – Ama-de-leite com criança – Álbum Bento José Magalhães – Autor desconhecido. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco

Devemos destacar a cena registrada no dormitório do casal Gersino Malagueta de Pontes, Raymond Egée de Pontes e sua primeira filha Eliane Pontes Bastos (foto 7). Esta imagem nos revela uma situação raramente vista na coleção pesquisada: a mãe deitada na cama com seu menino nos braços, provavelmente após o parto, ou dias depois.

Ao redor da cama, se encontra o pai, uma senhora da família (Inez Malagueta de Pontes Vieira) e uma mulher negra que não é identificada pelos dados referentes à fotografia. Esta mulher chama a atenção por sua permanência naquele dormitório e por seu uniforme. Ou seja, podemos aludir que, certamente, trata-se de alguém que ali está por ter realizado o parto ou para cuidar da mãe e/ou da criança recém-nascida, como enfermeira ou inclusive como babá. De fato, como se trata de uma fotografia mais recente que as do século XIX, esta imagem nos remete à tradição das famílias de classe social alta de ter sempre figuras femininas (mucamas, parteiras, amas-de-leite ou babás) socialmente oriundas da senzala em momentos específicos da sua vida privada (desde o nascimento, a fase de amamentar até a de criar e cuidar diariamente das crianças).

O retrato Mulher com menino de ascendência africana – Álbum Guimarães (foto 8) nos chama a atenção por seu conteúdo de grande raridade. A fotografia nos revela a surpreendente situação de uma mulher branca (e visivelmente representante de uma classe social elevada) levando em seus braços um bebê negro. Não há informações que nos permitam analisar o grau de intimidade com o menino e sua família. Todavia, uma hipótese

viável é a de que o menino fosse filho de alguém que trabalhava e compartilhava da convivência familiar da mulher retratada. Outro exemplo bastante peculiar, e que resume emblematicamente a presença feminina negra na sociedade patriarcal do nordeste brasileiro, é a fotografia Grupo de crianças e mulheres (foto 9). Nela, constatamos elementos na composição, que estabelecem características pertinentes àquele universo ambíguo de exclusão, e mesmo assim, agregador — onde as linhas que demarcam sua real situação dentro do seio familiar são frágeis e bastante relativas.



FOTO 7 – Gersino Malagueta de Pontes, Raymond Egée de Pontes e sua primeira filha Eliane Pontes Bastos; Inez Malagueta de Pontes Vieira (ao seu lado pessoa sem identificação) – Autor desconhecido. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco



FOTO 8 – Mulher com criança de ascendência africana – Álbum Guimarães – Autor desconhecido. **Crédito:** Fundação Joaquim Nabuco



FOTO 9 – Grupo de crianças e mulheres – Autor desconhecido. Crédito: Fundação Joaquim Nabuco

Esta imagem é o registro de um grupo exclusivamente feminino de mulheres brancas e negras rodeadas por várias crianças. Convém destacar que as mulheres e crianças vestiam trajes sofisticados, fato que mostra a classe social a que pertenciam. Os elaborados penteados, vistos nas jovens senhoras, refletem a moda da época. A composição também ratifica quem são os protagonistas da cena: as socialmente deslumbrantes, sofisticadas e privilegiadas mulheres brancas. Por sua vez, as mulheres negras (parecem ser muito jovens) se apresentam mais simples no vestir. Outro ponto importante a ser observado é a localização delas. Vemos que

estão nas laterais da composição, à margem do conteúdo principal da imagem. Inclusive, há um aspecto que, perdido na cena, surge com toda força e simbolismo quando o encontramos. Na parte esquerda superior da fotografia, vemos um bebê que é levantado para que possa ser destacado entre aquela grande quantidade de crianças. Erguido como se fosse um troféu, vemos a brancura da sua pele e do seu volumoso traje. Contudo, o que contrasta são as mãos negras que seguram o bebê e que, ao mesmo tempo, anulam a identidade da mulher que possivelmente cuida da criança.

Em síntese, o retrato indicado reflete a dualidade inerente às relações interétnicas entre a oligarquia, as amas-de-leite e as babás, que ao mesmo tempo incorporavam e isolavam essas mulheres no núcleo familiar patriarcal. Ou seja, em muitos casos tinham privilégios, mas em alguns momentos eram mais relativos do que aparentavam ser. Por meio da iconografia observada, é possível apreender as oscilações de alteridade que se imprimem à imagem da mulher negra e o conteúdo maternal que envolvia aquela complexa realidade, oriunda do sistema escravista. Os sentidos imbricados na imagem fotográfica redimensionam nosso olhar e apontam para a profusão simbólica que

constitui a construção das representações sociais e culturais de um tempo e espaço da nossa memória visual.

Bibliografia

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) (1997). História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo, Companhia das Letras.

AMARAL, Aracy A. (1983). Aspectos da comunicação visual numa coleção de retratos. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Retratos Quase Inocentes. São Paulo, Nobel. p. 117–131.

AMOUNT, Jacques (1995). A Imagem. Campinas, Papyrus.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Souza (1990). Sob o signo da imagem: A produção da fotografia e o controle dos códigos da representação social de classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Tese Doutoral, UFF/CES/ICHF.

ARRIGUCCI JR., Davi (1993). Prefácio. In: LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. p. 11–14.

DEL PRIORE, Mary (2001). Histórias do Cotidiano. São Paulo, Contexto.

FREYRE, Gilberto (1999). Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, Record.

ERMAKOFF, George (2004). O Negro na fotografia brasileira do século XIX. Rio de Janeiro, G. Ermakoff Casa Editorial.

FREYRE, Gilberto (1979). O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. São Paulo, Editora Nacional.

